

As palavras quem se encontram nas linhas formam sentidos, sentidos inscritos num diálogo que começou desde que aprendemos nos comunicar. Há escritos sobre o que já foi descoberto, mas há quem escreva para descobrir algo. Esses ousam perturbar seus possíveis leitores com a sensação de serem cobaias de um experimento literário insano, mas que visa tratar aqueles que entram em contato com esse procedimento terapêutico. Dizem que o papel aceita tudo, mas qual o papel daquele que escreve? Aceitar tudo que lhe vem em mente? Se deixar levar por uma escrita automática? Seja qual for a motivação, se parte de si, o ato de escrever ao ato de escolher. A folha em branco não é uma possibilidade, são todas em potencial, dessas infinitas possibilidades cabe o escritor responder a pergunta: qual delas vale o risco? Qual trajetória traçar? O que revelar sobre essas imagens dentro de nossa cabeça? As escolhas das palavras para se expressar diz mais da pessoa que se expressa do que das palavras escolhidas.

Aquele que escreve conversa consigo e com o mundo, faz a ponte entre o que é e o que pode existir. Mas a escolha, ao mesmo tempo que nos proporciona liberdade, também nos impõe uma responsabilidade sobre cada decisão a ser tomada. Você pode criar e destruir mundos inteiros, pode recitar como foi a origem dos tempos ou projetar o discurso final antes do apocalipse, desde que sustente suficientemente essa ideia, que consiga através desse conjuntos de relações transmitir imagens. Para isso é necessário se projetar nas cenas e registrar as vivências daqueles que existem apenas a partir disso.

Qual melhor forma de um escritor que se forjou a partir da escrita relatar sua história de vida e sua relação com as palavras se não por essas mesmas? Sartre em seu livro "*As palavras*" relata sua trajetória desde a infância, conta sua relação com o sigo, com o mundo, as pessoas e a linguagem. Formou-se pela linguagem e chega até a tomar o mundo por ela, vivendo por trás de papéis armado pela sua pena sempre inquieta entrega em cada linha o melhor e o pior de si.

Começa a escrever por causa de seu avô Charles Schweitzer, que não se considerava escritor, mas brincava com seriedade com a língua francesa que aprendera com dificuldade e por isso fazia questão de pronunciar cada

silaba com a devida ênfase e precisão de quem tem o prazer de poder se expressar. Sartre seria escritor como Charles era seu avô.

Era filho único, escrever foi uma ótima companhia, algo que poderia brincar sozinho e mesmo assim estar com uma multidão de possibilidades em sua frente e ao riscar o primeiro traço na tentativa de "arrancar imagens da cabeça e realizá-las fora de si". Seus parentes o apoiavam maravilhosamente, era o menino prodígio da família, todos esperavam muito daquele talento a ser desenvolvido, mas a frequência com que escrevia era tanta que quase se tornou obsessão e a quantidade de protótipos era tamanha que nem seus admiradores fraternais mais próximos conseguiam acompanhar. As vezes nem o próprio menino Sartre que relata a velocidade de sua pena eventualmente causar-lhe dores no pulso e nos dedos, folhas e folhas voando da escrivaninha, seu entusiasmo era tanto que as vezes histórias eram perdidas em meio as pilhas de textos. O prazer de escrever vinha da aproximação que de materializar seus sonhos numa plataforma criativa onde tudo pode acontecer!

Viver e ter consciência de sua existência é enlouquecedor e nada fácil, porém tratando-se de recursos básicos para se manter vivo, Sartre não podia reclamar. Família era abastada e a burguesia francesa na época passava por um momento contraditório em que não havia inimigos aparentes para se preocuparem, mas inquieto como a humanidade é, logo passaram a "inventar" algum para que justificassem sua inquietude. Com Sartre não foi diferente, não possuía adversidades escandalosas, logo, em tempo útil produzia suas próprias tramas, criava e dissolia problemas em suas histórias, gostava de testar os limites do entendimento e de sua elasticidade mental. Experimentou as maiores tentações da carne e do poder em seus contos, foi ditador, foi ancião, foi herói e covarde, foi rei e foi plebeu. Para escrever necessitava dessa imersão em suas personagens que derivava duma ocasião propícia em que acalmava-se e sentia levemente chegando aquele "ser invisível", mas que Sartre não conseguia ignorar a ponto de tentar tocá-lo a partir da escrita.

Apesar de apaixonado pelos livros, em pouco tempo percebeu que não poderia se alimentar de páginas e palavras, sentiu o peso da sociedade quando atingiu seus vinte e cinco anos e teorizava os comentários da vida

alheia o acusando de não retornar nada a seus semelhantes. Disse que como todo sonhador principiante confundiu o desencanto com a realidade. Via os grandes escritores que saíam nos jornais e temia acabar como um produto a ser consumido ao mesmo tempo que via gênios morrendo de fome por negarem o mercado. Inicialmente não escrevera para ser lido, o único reconhecimento que desejava era aquele que o contato entre a tinta e o papel proporcionava como nada igual, tratava a escrita não como trabalho, mas como missão, não estava de passagem, fora escolhido para estar aqui e relatar sua existência a partir de páginas e páginas intermináveis. Nasceu da escrita, conheceu o mundo pela linguagem e por um momento tomou a linguagem como seu mundo.

Não há ninguém melhor para contar uma vida vivida, se não a própria que a viveu. Vindo de um existencialista fanático pela escrita não haveria modo melhor de contá-la se não pelas suas próprias mãos em contato com seu caderno. O relato de um projeto de homem registrando seu processo de desenvolvimento constante até então, aquele que um dia se considerou imortal, percebeu com o tempo que era falível, mas a escrita era eterna, substância incorruptível que poderia ser lida agora e daqui milhares de anos estaria lá no mesmo livro a sequência exata de palavras escritas a eras. Escreveu até que seus textos o tornasse eterno, tomou sua pena como espada, mas em fim percebeu que não salvaria a nada nem a ninguém se antes não salvasse a si mesmo.

*"A cultura não salva nada, nem ninguém, ela não justifica. Mas é um produto do homem, ele se projeta, se reconhece nela, só nesse espelho crítico lhe oferece a sua própria imagem."*

Tentou negar sua cultura por não se ver como elite talentosa, era apenas mais um mero humano desamparado num mundo estranho que a partir da escrita moldou sua imagem e semelhança a projeção do que foi, do que é e como poderia ser para salva-se duma vida sem significado claro. Criava seus sentidos e os compartilhava pelo melhor jeito que conheceu, pelo jeito que se conheceu, pelo conhecimento que o fez: a escrita.